

Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

ABC



 **Atena** Editora

Ano 2018

IVAN VALE DE SOUSA

(Organizador)

Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L755	Língua portuguesa, linguagem e linguística 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 5.198 kbytes – (Língua Portuguesa; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-12-3 DOI 10.22533/at.ed.123181308 1. Língua portuguesa. 2. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
------	---

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A identidade de um livro simboliza todos os pensamentos e discussões que se pretendem divulgar aos leitores. Quando escrevemos um texto, de certa forma, os nossos interlocutores nos auxiliam na maneira como as ideias serão organizadas na textualidade dos enunciados e nas finalidades que almejamos atingir.

Se nos convencêssemos de que todo plano textual está inserido nas finalidades de informar, formar, convencer e esclarecer algo aos nossos enunciatários, certamente a forma como enxergaríamos o texto e seus elementos constituintes seria ampliada na diversidade que a língua se realiza nos contextos sociais, pois, de certo modo, escrevemos sempre com objeções considerando um contexto e os saberes do nosso interlocutor.

Necessário sempre será discutir o discutível, refazer o que carece de ser refeito, sobretudo no contexto de produção do conhecimento, já que todo processo de aquisição do saber parte de uma das mais importantes e significativas funções da língua que é comunicação entre os sujeitos. Sempre comunicamos por meio do texto algo a alguém e às suas funções que necessitam ser clarificadas nos atos de dizer e produzir.

As comportas do conhecimento abertas pelas reflexões deste livro se revelam aos diferentes leitores, coadunando-se com a plenitude de como a linguagem assume seu único e verdadeiro objeto de interação entre os sujeitos. Comunicamos porque somos partes do ato comunicativo e com essa convicção é que comunicar representa nossos anseios, bem como os esforços de pesquisadores e estudiosos que apresentam e, ao mesmo tempo, revelam as possibilidades de democratização das questões referentes à linguagem com as metodologias e os planos culturais e de identidades nos usos da língua.

Para legitimar a relevância das discussões reveladas em cada texto presente neste livro, a constituição de um mosaico textual de ideais e concepções são apresentadas por seus autores que propõem socializar os diferentes discursos capazes de sustentar as construções feitas em torno do ensino de Língua Materna, embora os estudos apresentados no referido livro não tenham unicamente a discussão que reverbera o trabalho com processo de ensino e aprendizagem da língua no seu contexto de autonomia e competências, mas da compreensão de que a língua se adegue aos meios sociais e às manifestações culturais.

A legitimidade com que os pesquisadores debruçam suas investigações na produção de cada capítulo justifica-se na plenitude diversa como a língua se expande nos diversos contextos de realização. E na função de perceber que sempre há outras formas de refazer o próprio discurso à luz da diversidade com que a linguagem é que se produz em uma corrente processual e metastásica em que os leitores encontrarão trabalhos referentes ao estudo da palavra, ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, ao processo analítico de obras e textos literários, aos discursos formulados no imaginário cultural e às reflexões metodológicas de trabalho no contexto

escolar.

O todo deste livro se assemelha à construção de um grande quebra-cabeça em que só tem sentido quando são juntadas todas as suas peças na formulação do plano reflexivo capaz de constituir a relevância desta obra. São, pois, ao todo, dezoito trabalhos que transitam entre os contextos da linguagem, da linguística e das intervenções que estruturam o ensino de língua portuguesa e língua estrangeira nos mais variados contextos de aquisição. Sendo assim, uma síntese de cada texto com as marcas de seus autores pode ser revelada a seguir.

O primeiro capítulo, o pesquisador Ivan Vale de Sousa propõe algumas discussões que aproximam o trabalho com a utilização da pesquisa-ação aos procedimentos da sequência didática, que segundo ele são metodologias interacionistas no ensino da linguagem em que, ao mesmo tempo, rediscute como as implicações pedagógicas são capazes de aproximar os sujeitos *professor* e *aluno* da situação comunicativa com o desvelamento de três modelos de sequência didática elaborados à luz dos objetos didáticos no processo de didatização das práticas de linguagem.

As questões discutidas no segundo capítulo são de autorias de Genilda Alves Nascimento Melo, Andreia Quinto dos Santos e Célia Jesus dos Santos Silva, que rediscutem a necessidade do currículo à luz da docência como propostas de pertencimentos, servindo como requisitos fundamentais para o ensino de Língua Materna. No terceiro capítulo, as mesmas autoras com ordem diferente de apresentação das identidades, Célia Jesus dos Santos Silva, Genilda Nascimento Melo e Andreia Quinto dos Santos trazem à discussão o ensino de leitura e da função do suporte livro didático na instituição escolar de educação básica aproximando as reflexões.

Dóris Regina Mieth Dal Magro, no quarto capítulo, revisita as habilidades de leitura e escrita como eixos norteadores para o desenvolvimento do trabalho docente na disciplina de língua portuguesa à luz dos gêneros discursivos como alternativas eficazes na promoção do letramento e na autoria dos estudantes. O quinto capítulo, Nayara da Silva Camargo e Nilson Santos Trindade destacam os aspectos morfossintáticos da língua Tapayuna, especificamente no que se refere às relações pronominais focalizando ao leitor a compreensão desse processo.

No sexto capítulo, Luiz Antonio de Sousa Netto, Rafaela Cunha Costa e Stella Telles estudam a palavra fonológica na língua polissintética Latundê lançando luzes a algumas teorias apresentadas por estudiosos e ancoradas na concepção interacionista da linguagem. O sétimo capítulo, Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva e Regina Célia Ramos de Almeida apresentam as marcas de oralidade na escrita compreendendo os processos de monotongação e apagamento do [R] final, no contexto de aplicabilidade e intervenção com alunos do ensino médio.

Thays Trindade Maier, no oitavo capítulo, apresenta um relato de experiências com atividades de leitura da literatura infantil, com a finalidade de despertar e promover a competência leitora no ambiente escolar. No nono capítulo, as autoras Katharyni Martins Pontes, Thaís Pereira Romano e Rita de Nazareth Souza Bentes apresentam o

letramento literário como instrumentalização no ensino de alunos surdos e rediscutem a relevância da acessibilidade do aluno surdo ao contexto literário.

No décimo capítulo, Myriam Crestian Cunha e Walkyria Magno e Silva partem do desenvolvimento disciplinar, refletindo os impactos na formação inicial do professor, além de discutir as estratégias metacognitivas na análise de novas propostas metodológicas no aprendizado de línguas estrangeiras. As reflexões que enfocam o décimo primeiro capítulo, Adriane do Socorro Miranda e Polyana Cunha Campos relatam as contribuições do Projeto Pibid no processo de formação inicial de professores de português como Língua Materna, em que os sujeitos participantes emitem suas convicções na função de bolsistas.

No décimo segundo capítulo, Larissa Rizzon da Silva revela como os fatores socioculturais e identitários são relevantes no processo de reabilitação do afásico, em que as discussões se concentram no contexto de socialização do sujeito com a linguagem. O décimo terceiro capítulo, a simbiose do bumba-meu-boi do Maranhão é tematizada nas reflexões de Joaquim de Oliveira Gomes sob a ótica do discurso e da sustentabilidade em que são propostas as aproximações entre a análise dos discursos à luz das toadas com as questões de sustentabilidade capazes de perpetuar a relevância da manifestação.

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset, no décimo quarto capítulo, investiga as (des)construções do imaginário de ensino de língua portuguesa na formação superior da graduação em Direito lançando luzes para as vertentes e os saberes linguísticos na concepção da análise do discurso (AD). O décimo quinto capítulo, autoria de Katia Cristina Schuhmann Zilio, os sentidos digitais são discutidos como aproximações do uso da tecnologia na educação propondo questões que são respondidas ao longo das reflexões inseridas no texto.

No décimo sexto capítulo, Priscila Ferreira Bentes passeia entre as páginas da narrativa tecida pelo escritor Benedicto Monteiro, descrevendo o movimento de religiosidade no Círio de Nossa Senhora de Nazaré, além disso, a autora do capítulo aproxima as discussões entre literatura e antropologia com toda a riqueza literária presente na obra utilizada como *corpus* de análise. No décimo sétimo capítulo, Margarida da Silveira Corsi e Gilmei Francisco Fleck analisam a dialogia romanesca atentando-se para as releituras do perfil de uma cortesã, esclarecendo que a imbricação das análises culmina para a estruturação do cordel como uma das marcas da brasilidade.

Edvaldo Santos Pereira e Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões, no décimo oitavo e último capítulo, revelam a urbanidade poética como fonte de inspiração e análise, em parte, do poema *Belém e seu poema*, de Bruno Menezes e readmitem que as imagens criadas no gênero literário partem dos múltiplos olhares do cotidiano.

Ao apresentar aos leitores uma síntese do que pode ser encontrado em cada trabalho que compõe este livro, esperamos que as reflexões contribuam com o processo de ampliação do letramento literário, da metodologia de investigação com a linguagem, lance luzes a outros questionamentos e flexibilize a forma de pensar o

ensino de Língua Materna em uma construção de continuidade. Além disso, sabemos ainda que as discussões, doravante, demonstradas podem, de certa forma, ampliarem-se nos mais diversos contextos de aprendizagem em que o leitor transite o caminho também de produtor de outros discursos.

Prof. Me. Ivan Vale de Sousa

Organizador.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
METODOLOGIAS INTERACIONISTAS EM QUESTÃO: PESQUISA-AÇÃO E SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO ENSINO DA LINGUAGEM	
<i>Ivan Vale de Sousa</i>	
CAPÍTULO 2	13
'DOCÊNCIA: CURRÍCULO E PERTENCIMENTO – REQUISITOS BÁSICOS PARA O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA	
<i>Genilda Alves Nascimento Melo</i>	
<i>Andreia Quinto dos Santos Célia dos Santos Silva</i>	
CAPÍTULO 3	28
O ENSINO DA LEITURA E O LIVRO DIDÁTICO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA	
<i>Célia Jesus dos Santos Silva</i>	
<i>Genilda Alves Nascimento Melo</i>	
<i>Andreia Quinto dos Santos</i>	
CAPÍTULO 4	44
LEITURA, ESCRITA E A MEDIAÇÃO DOCENTE NA CONSTITUIÇÃO DA AUTORIA DOS ESTUDANTES	
<i>Dóris Regina Mieth Dal Magro</i>	
CAPÍTULO 5	56
ASPECTO MORFOSSINTÁTICOS DA LÍNGUA TAPAYUNA (JÊ): ELEMENTOS PRONOMINAIS	
<i>Nayara da Silva Camargo</i>	
<i>Nilson Santos Trindade</i>	
CAPÍTULO 6	75
ESTUDOS SOBRE A PALAVRA FONOLÓGICA NA LÍNGUA POLISSINTÉTICA LATUNDÊ (NAMBIKWÁRA DO NORTE)	
<i>Luiz Antonio de Sousa Netto</i>	
<i>Rafaela Cunha Costa</i>	
<i>Stella Telles</i>	
CAPÍTULO 7	85
MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA: UM ESTUDO SOBRE MONOTONGAÇÃO E APAGAMENTO DO [R] NO ENSINO MÉDIO	
<i>Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva</i>	
<i>Regina Célia Ramos de Almeida</i>	
CAPÍTULO 8	104
RELATO DE EXPERIÊNCIA APLICADAS NA PRÁTICA DE ENSINO COMO ESTÍMULO A LEITURA	
<i>Thays Trindade Maier</i>	
CAPÍTULO 9	114
LETRAMENTO LITERÁRIO: INSTRUMENTOS E ESTRATÉGIAS NO ENSINO DE ALUNOS SURDOS	
<i>Katharyni Martins Pontes</i>	
<i>Thaís Pereira Romano</i>	
<i>Rita de Nazareth Souza Bentes</i>	
CAPÍTULO 10	124
O IMPACTO DA DISCIPLINA “APRENDER A APRENDER LÍNGUAS ESTRANGEIRAS” NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR: ESTRATÉGIAS METACOGNITIVAS EM ANÁLISE	
<i>Myriam Crestiam Cunha</i>	
<i>Walkyria Magno e Silva</i>	

CAPÍTULO 11	139
AS CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO PIBID NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOB A ÓTICA DOS BOLSISTAS	
<i>Adriane do Socorro Miranda</i> <i>Polyana Cunha Campos</i>	
CAPÍTULO 12	150
A RELEVÂNCIA DOS FATORES SOCIOCULTURAIS E IDENTITÁRIOS NO PROCESSO DE REABILITAÇÃO DO AFÁSICO	
<i>Larissa Rizzon da Silva</i>	
CAPÍTULO 13	159
DISCURSO E SUSTENTABILIDADE NO AUTO DO BUMBA-MEU-BOI DO MARANHÃO	
<i>Joaquim de Oliveira Gomes</i>	
CAPÍTULO 14	169
FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DO IMAGINÁRIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM GRADUAÇÃO DE DIREITO	
<i>Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset</i>	
CAPÍTULO 15	184
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: SENTIDOS DO DIGITAL	
<i>Katia Cristina Schuhmann Zilio</i>	
CAPÍTULO 16	198
DAS PÁGINAS LITERÁRIAS À EXPERIÊNCIA ANTROPOLÓGICA:UMA VIAGEM N'O CARRO DOS MILAGRES DE BENEDICTO MONTEIRO	
<i>Priscila Ferreira Bentes</i>	
CAPÍTULO 17	208
DA CAMÉLIA AO MANDACARU: RELEITURAS DO PERFIL DE UMA CORTESÃ	
<i>Margarida da Silveira Corsi</i> <i>Gilmei Francisco Fleck</i>	
CAPÍTULO 18	227
A URBANIDADE POÉTICA DE BRUNO DE MENEZES EM “BELÉM E O SEU POEMA”	
<i>Edvaldo Santos Pereira</i> <i>Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões</i>	
SOBRE O ORGANIZADOR	233

CAPÍTULO 16

DAS PÁGINAS LITERÁRIAS À EXPERIÊNCIA ANTROPOLÓGICA: UMA VIAGEM N'O CARRO DOS MILAGRES DE BENEDICTO MONTEIRO

Priscila Ferreira Bentes

Universidade Federal do Pará

Belém - Pará

RESUMO: O conto *O carro dos milagres* de Benedicto Monteiro é uma narrativa tecida no percurso e no movimento da fé que compõem uma manifestação religiosa, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré. O enredo é um guia que nos permite realizar uma caminhada pelas ruas de Belém no dia da grande procissão. Como viajantes dessa jornada nos armamos com o plano da cidade, não por meio de registros ou descrições, mas pela essência literária dos lugares que estão interligados a uma história, a um passado e a uma identidade que tornam a narrativa mais atraente, pois revelam uma experiência vívida e dialética com a modernidade latente e com o passado ativo. Literatura e antropologia aliam-se e expressam os símbolos religiosos na narrativa como elementos que realizam um elo entre o passado histórico, uma identidade cultural, uma religião e um *ethos* que se envolvem e se entrelaçam com a fisionomia imagética cidadina. Estas minúcias promovem um constante reconstruir dos objetos-sujeitos que nos propomos a contemplar. Manifestações provocativas que nos fazem investigar como o conto *O carro dos milagres* de Benedicto Monteiro é uma forma de

representação literária do simbolismo religioso, com o objetivo de compreender esta narrativa como recurso antropológico e expressão da religião como sistema simbólico cultural. Para tal discussão utilizamos a obra de Walter Benjamin (2006), Clifford Geertz (1989), Willi Bolle (2000), Jacques Le Goff (2003) e Stuart Hall (2005).

PALAVRAS-CHAVE: Benedicto Monteiro. Literatura. Antropologia. Amazônia.

ABSTRACT: The short novel *O carro dos milagres* of Benedicto Monteiro is a narrative woven in the obstacle course and the faith movement that comprise a religious manifestation, the Círio de Nossa Senhora de Nazaré. The plot is a guide that allows us to perform a walk through the streets of Belém on the day of the great procession. As travelers that journey, we are armed with the plan of the city, not by records or descriptions, but the literary essence of places that are connected to a story, a history and an identity that makes the narrative more attractive, because they reveal a vivid experience and dialectic with modernity and the past active latent. Literature and anthropology combine and express the religious symbols in the narrative as elements that carry out a link between the historical past, a cultural identity, a religion and an *ethos* that engage and intertwine with the physiognomy imagery

city. These details promote a constant rebuilding of objects-subject that we propose to contemplate. Provocative demonstrations that make us investigate how the short novel *O carro dos milagres* of Benedicto Monteiro is a form of literary representation of religious symbolism, with the goal of understanding this narrative as anthropological feature and expression of religion as a symbolic cultural system. For this discussion we used the work of Walter Benjamin (2006), Clifford Geertz (1989), Willi Bolle (2000), Jacques Le Goff (2003) and Stuart Hall (2005).

KEYWORDS: Benedicto Monteiro. Literature. Anthropology. Amazon.

1 | CONVITE AO PEREGRINAR

Benedicto Monteiro nos deixou um guia, um pequeno livro de contos intitulado *O Carro dos Milagres*; são sete contos, o primeiro deles leva o mesmo nome do livro, um título bastante chamativo. Com um toque da curiosidade e atenção ao detalhe, percebemos uma fonte de conhecimento e investigação, dirigamo-nos a ela. As páginas amarelas formam uma sintaxe, são marcas do tempo que nos remetem aos aspectos do estudo benjaminiano, a marca do tempo é a ruína que está em confluência com o fragmento do presente que revelam traços de uma história e no nosso caso, de uma literatura intensa (SARLO, 2013).

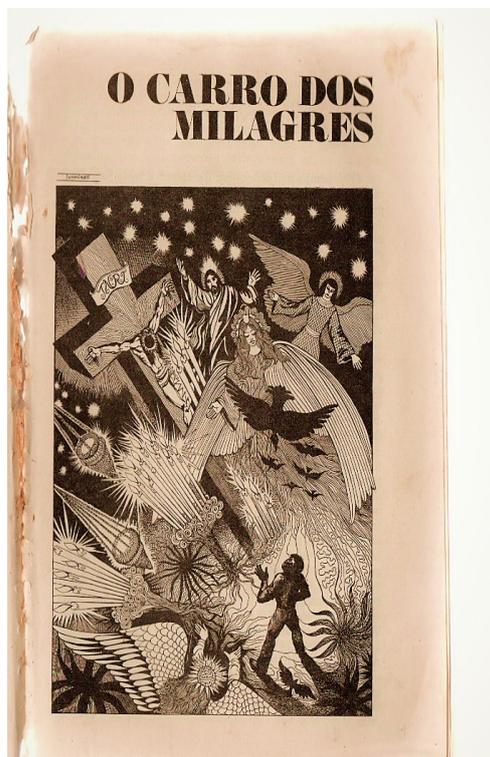


Figura 1: Ilustração do conto *O carro dos milagres*

Fonte: Livro *O carro dos milagres*

Temos o trajeto que iremos percorrer e um companheiro, o compadre Miguel, protagonista do conto *O carro dos milagres*. O caminho e o compadre nos convidam a uma verdadeira saga, colocar uma oferenda - um pequeno barco de miriti (material

proveniente da fibra do buritizeiro) - no carro dos milagres na procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém, a capital paraense.



Figura 2: Brinquedos de miriti à venda durante o Círio de Nazaré

Fonte: Foto de Priscila F Bentes

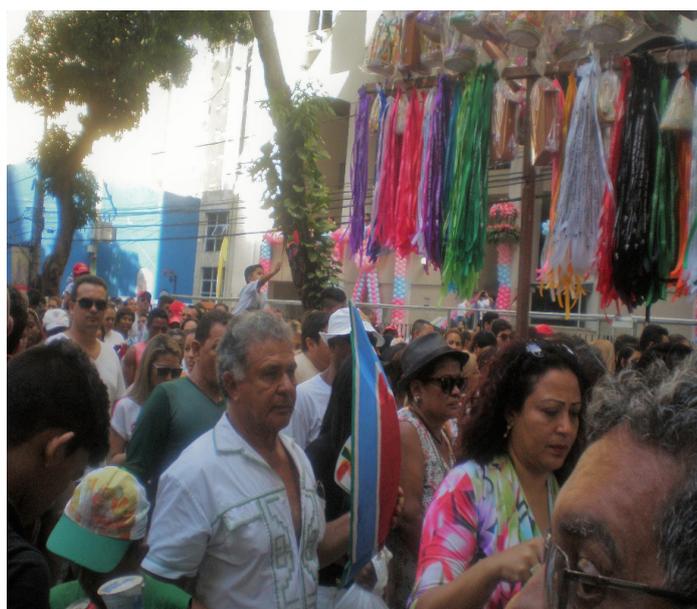


Figura 3: Promesseiro com barco de miriti no Círio de Nazaré

Fonte: Foto de Priscila F Bentes

Antes de seguirmos viagem neste enredo, precisamos estar munidos de uma espécie de estado à parte da onda de promesseiros, barulho e caos que possam atrapalhar nossa jornada, que sejamos um anônimo, porém aberto a novas experiências como o espírito do flâneur, atento aos detalhes e às experiências que irão emergir pelo trajeto da Catedral Metropolitana de Belém até a Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré.

A rua conduz o flâneur em direção a um tempo que desapareceu. Para ele, qualquer rua é íngreme. Ele vai descendo, quando não em direção às Mães, pelo menos rumo a um passado que pode ser tão mais enfeitiçante por não ser seu próprio passado, seu passado particular. Entretanto, este permanece sempre o tempo e a infância. Mas por que o tempo de sua vida vivida? No asfalto sobre o qual caminha, seus passos despertam uma surpreendente ressonância. A iluminação a gás que recai sobre o calçamento lança uma luz ambígua sobre este duplo chão (BENJAMIN, 2006, p. 461- 462).

Envoltos pelo ambiente urbano, iniciamos a caminhada. Como viajantes desta jornada nos armamos com o plano da cidade, não por meio de registros descritivos, mas, pela essência narrativa dos lugares que estão (inter)ligados a uma história, a um passado, a uma identidade que se tornam mais atraentes, pois revela uma experiência vívida, dialética, com a modernidade latente e com o passado ativo, um tanto confuso pelos moldes de uma modernidade que exige - e promove - uma fusão de identidades e de experiências (ROUANET, 1993).

Olhemos a multidão a se formar ao nosso redor no largo da Sé ao lado do protagonista, ele é o personagem principal deste enredo amazônico e também o narrador, e nós somos os seus ouvintes, “Olhe compadre, nem quero lhe contar a triste sina deste meu barco a vela feito de tala de miriti. Eu trouxe ele mas foi pra colocar no Carro dos Milagres” (MONTEIRO, 1980, p. 18). Ele nos conta que veio ao Círio pagar uma promessa, depositar um pequeno barco feito de miriti no carro dos milagres, promessa feita por sua “mãe velha” que intercedeu a Nossa Senhora do Retiro pela vida do filho e que, se sobrevivesse à tempestade das águas, levaria a promessa para a procissão,

Tive que correr terra – o senhor pensa – pra cumprir dita promessa. E trazer com minhas próprias mãos, esta veleira copiada da finada canoa que o vento e a água reduziram a fanico na contracosta da Baía do Marajó. Só este criado seu escapou são e salvo por obra e graça de Deus e de Nossa Senhora de Nazaré. Já não digo, do forte vento, nem da furiosa chuva, nem da medonha água, que se coliam com a noite e o raio, pra fazer aquele poder de inferno no meio do caminho que a gente tinha que passar. A água não tem cabelo. E a triste noite era tão lisa e desconforme, que a lua, as estrelas, a brisa andavam escondidas nos escuros escaninhos dos horizontes sem fim (MONTEIRO, 1980, p. 18).

Olhamos para o pequeno barco nas mãos do compadre, percebemos na voracidade de sua voz a força das ondas que o levaram a cumprir “dita” promessa, o som da sua voz ansiosa e atarantada expressa bem a fúria da baía daquela noite,

Aí então, foi que surgiu a promessa deste barco. A rede foi cortada, o barco foi talhado, dias e dias armado e desarmado, assinzinho como o senhor está vendo: de pano de rede e tala de miriti. Todos dizem: que a minha vida, é o milagre desta promessa. Porque os outros tripulantes da canoa bateram o pacau. E devem de andar pelos cafundós do Judas servindo de comida pra piranha nos peraus dessa imensa baía.

Agora o senhor veja: abaixo de Deus e Nossa Senhora, foi meu finado irmão e minha velha mãe com sua promessa, que salvaram este-um, que está contandozinho esta história aqui em riba desta canoa ancorada na lama deste cais. Mas o senhor acha então, que só estes três tragos de cachaça que nós bebemos dá mesmo, no duro,

pra fazer esta maior e dificultosa travessia? Minha mãe me disse que eu tinha que botar este barco com as minhas próprias mãos no Carro dos Milagres. Vigie só - tem que ser, meu compadre – no carro andando, no meio de todo o povo e nos pés da Virgem de Nazaré (MONTEIRO, 1980, p. 19 - 20).

Transportamos das memórias, do tempo psicológico que justifica a promessa de nosso compadre para o tempo presente, para a procissão, o badalar dos sinos parece um despertar para nos prepararmos para a caminhada, “Mas quando dei por mim, chegava gente de todos os lados: com-pouco a praça estava cheia. Os sinos das igrejas começavam a tocar” (MONTEIRO, 1980, p. 20). Mas pensemos na tormenta das águas da baía e do pequeno barco que rememoram aquela noite. Percebemos que as águas angustiantes se revelam para nós como um elemento simbólico de expressão religiosa, comunicam-se de uma forma interessante com o nosso olhar e lança nossa compreensão para um detalhe talvez ignorado, mas que chama nossa atenção, este desvio de olhar que revela uma nova perspectiva nos interessa, pois estamos a peregrinar como detetives em busca dessas pequenas singularidades da história que nos é revelada na produção literária (ROUANET, 1993).

2 | OS SÍMBOLOS NA CAMINHADA

Atentos ao movimento dos fiéis por entre as ruas seguindo a berlinda, pensamos também no movimento das águas que o compadre nos retratou, tal semelhança era a do movimento da baía com o das pessoas que formavam a multidão. Ruas apinhadas, pessoas as quais seguem um único ritmo e uma só força, a força da fé, parece até que nós somos o barco que atravessa a tormenta, aqui atravessamos o turbilhão nas águas. Interessante notarmos que a água possui três significados simbólicos: fonte de vida, meio de purificação e centro de regenerescência (CHEVALIER et al., 2000).

As águas, massa indiferenciada, representando a infinidade dos possíveis, contêm todo o virtual, todo o informal, os germes dos germes, todas as promessas de desenvolvimento, mas também todas as ameaças de reabsorção. Mergulhar nas águas, para delas sair sem se dissolver totalmente, salvo por uma morte simbólica, é retornar às origens, carregar-se, de novo, num imenso reservatório de energia e nele beber uma força nova: fase passageira de regressão e desintegração, condicionando uma fase progressiva de reintegração e regenerescência (CHEVALIER et al., 2000, p. 15).

Na religião cristã, a água é (re)nascimento para a vida religiosa; vemos que o protagonista “renasce” das águas naquela noite de fúria, até mesmo porque “nas tradições judaica e cristã, a água simboliza, em primeiro lugar, a origem da criação” (CHEVALIER et al., 2000, p. 16).

A água se torna o símbolo da vida espiritual e do Espírito, oferecidos por Deus e muitas vezes recusados pelos homens.

Jesus retoma esse simbolismo no seu diálogo com a samaritana: *Aquele que beber da água que eu lhe darei não terá mais sede... A água que eu lhe darei se tornará nele fonte de água a jorrar em vida eterna* (João, 4, especialmente versículo 4).

Símbolo, antes de tudo, de vida no Antigo Testamento, a água se tornou, no novo, símbolo do Espírito (*Apocalipse*, 21).

Jesus Cristo se revela Senhor da água à samaritana (João, 4, 10). Ele é a fonte: Se alguém tiver sede, que venha a mim e se desaltere (id., 7, 37-38). Como do rochedo de Moisés, a água jorra do seu seio e, na cruz, a lança fará correr sangue e água do seu flanco aberto. É do Pai que flui a água viva, comunica-se pela humanidade de Cristo ou, ainda, pelo dom do Espírito Santo, que, conforme, o texto de um hino de Pentecostes, é **fons vivus** (manancial de água viva), **ignis caritas** (fogo de amor), **Altissimi donum Dei** (dom do Altíssimo) [...].

A água viva, a água da vida se apresenta como um símbolo cosmogônico. E porque ela cura, purifica e rejuvenesce, conduz ao eterno.

(CHEVALIER et al., 2000, p. 16 - 18, grifo do autor).

Também não esquecemos o barco, a nossa promessa. O personagem nos atém a um objetivo: colocar a oferenda no carro dos milagres. Se as pessoas a nossa volta são a representação das águas, nós somos o barco que está à deriva, mas é conduzido pela fé, combustível que alimenta nossas engrenagens e fortifica-nos para realizarmos a travessia, as águas são uma provação à fé inabalável.

A vida presente também é uma navegação perigosa. Desse ponto de vista, a imagem da barca é um símbolo de **segurança**. Favorece a travessia da existência, como das existências [...].

Na tradição cristã, a barca dentro da qual os crentes ocupam seus lugares a fim de vencer as ciladas deste mundo e as tempestades das paixões é a Igreja. A esse propósito, pode-se evocar a Arca de Noé, que é a prefiguração da Igreja. *Existe prazer*, dizia Pascal, *em estar num navio batido pela tempestade, quando se tem a certeza de que ele não naufragará*. (CHEVALIER et al., 2000, p. 122, grifo do autor).

O nosso compadre faz esta comparação entre a fé e o barco, a multidão e as águas,

Já tive olhando pro carro parado no Largo da Sé, bem em frente à Catedral. Estava vazio de milagres, porque ainda era no lusco-fusco da manhã. O Carro, a-modo, representava um barco. O Tinhoso, o Demo, estava figurado em forma de veado. Um cavaleiro correndo atrás do cujo, freava o animal no espaço, cai-não-cai do precipício. A Santa aparecia meia pregada no céu, entre raios de ouro luzindo no estandarte. E queria-porque-queria salvar o cavaleiro de cair no abismo. Abismo que também figurava como água, água que era mar, que era rio, era igarapé, tendo uma canoa em terrível perigo de se afundar (MONTEIRO, 1980, p. 20).

O protagonista apresenta uma nova cena que tem três figuras, a “Santa”, o “cavaleiro” e o “Demo”, (re)apresentados pelo carro dos Milagres da procissão. Tais personagens rememoram o primeiro milagre realizado por Nossa Senhora de Nazaré; estas três palavras são um despertar para um tempo longínquo que se faz presente e está representado em um dos vitrais da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré (VITRAIS DA BASÍLICA, 2013).



Figura 4: Carro dos milagres do Círio de Nazaré

Fonte: Site ciriodenazare.com.br

Ao contemplarmos o vitral, vemos Nossa Senhora no alto dos céus, um cavaleiro e seu cavalo à beira de um abismo e um veado caindo no abismo. O vitral retrata o milagre de dom Fuas Roupinho, fidalgo português que foi salvo da queda de um abismo, graça concedida pela Virgem de Nazaré no século XII. Roupinho saiu para caçar e tentou capturar um veado, mas se perdeu no meio da floresta, ele avistou o animal e acreditou que iria apanhá-lo, no entanto, o fidalgo estava bem próximo à queda de um abismo. Tamanho medo da morte e perigo da queda fizeram o fidalgo interceder à Nossa Senhora de Nazaré para que o salvasse, com as mãos estendidas ao céu, Roupinho percebe que as patas do cavalo estancaram. Após o milagre concedido, o fidalgo tornou-se propagador da devoção à Virgem em Portugal (SERRÃO, 2016).



Figura 5: Vitral da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré

Fonte: Revista Vitrais da Basílica

Em Belém, a devoção à Nossa Senhora de Nazaré chegou no século XVII,

quando o caboclo Plácido encontrou uma imagem da Virgem nas margens do igarapé Murucutu - na mesma localização onde está hoje a Basílica de Nazaré. Plácido recolheu a pequena imagem para sua casa, mas no outro dia percebeu que ela não estava mais lá, que já havia retornado ao mesmo lugar onde o caboclo a tinha encontrado no dia anterior. Esse fato se repetiu diversas vezes, até que o Governo recolheu a imagem e Plácido, já devoto da Virgem, construiu uma capela no local em que encontrou a imagem (ROCQUE, 2001).

Essa contextualização histórico-cultural amplia os nossos sentidos para uma compreensão da cidade sob a perspectiva literária na medida em que nos tornamos peregrinos e analisamos o espaço no qual se vive o enredo, especificamente as ruas que compõem o trajeto do Círio e as edificações que marcam o início e o final da procissão como a Catedral da Sé e a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré. Para nós o que se revela é uma convicção, uma expressão, um espírito do lugar que dialoga com a cidade. As marcas da temporalidade não são esquecidas, já que um lugar não exprime sua essência sem estar arraigada a um tempo e a um espaço. A interação com a cidade nos cede contextos históricos e marcas que promovem o nosso pensar e repensar que se revela tanto no habitante quanto na própria cidade (PINHO, 2015).

3 | NO LIMIAR DA LITERATURA E DA EXPERIÊNCIA ANTROPOLÓGICA

Nestes termos, nossa jornada indica que os símbolos católicos se manifestam de modo expressivo na metrópole amazônica, constituindo elementos dialógicos que nos permitem realizar um elo entre um passado histórico (LE GOFF, 2003), uma identidade cultural (HALL, 2005), uma religião e um *ethos* (GEERTZ, 1989) que se envolvem e se entrelaçam com a fisionomia imagética cidadina (BOLLE, 2000). Esses elementos promovem um constante construir e reconstruir destes objetos-sujeito que nos propomos a contemplar. Manifestações provocativas que nos fazem conceber o conto *O carro dos milagres* como uma forma de (re)apresentação do simbolismo religioso e de percepção da religiosidade amazônica.

Percebemos uma mensagem - ou mais - que se expressa nesta narrativa tecida no percurso e no movimento da fé que compõem uma manifestação religiosa como o Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

Ao questionamento sobre a validade de pensarmos em uma obra literária como expressão do simbolismo religioso e marco antropológico, podemos dizer que habitamos em Santa Maria de Belém do Grão Pará, em que desde o seu nome a cidade reflete e remete a uma identidade religiosa católica; suas primeiras construções arquitetônicas foram uma igreja e um forte conhecido como Forte do Presépio, as habitações começaram a surgir e o complexo foi nomeado como Feliz Lusitânia, sendo este consagrado à Nossa Senhora de Belém, daí o nome e a consagração da terra conquistada pelos portugueses à Senhora de Belém (ROCQUE, 2001).

Entendemos que pensar a religião expressa nas folhas do conto de Benedicto Monteiro é também pensar a configuração identitária do belenense através do relato e da experiência que acompanham Miguel e sua vivência no Círio de Nazaré. Essa relação do personagem com o espaço se revela para nós como um caminho com marcas que transformam o entendimento do eu com a cidade, da cidade que se reflete no evento que também se reflete e se revela no ser. Nesse contexto caótico, emerge uma variedade de experiências e sentidos (VELHO, 2010).

Este peregrinar por entre os mais diversos romeiros, presenciando-se a fé cristã, é uma proposta que foge à percepção turística da cidade de Belém, por isso, fundamentamos o primeiro passo nos estudos benjaminianos da cidade, que revelaram a - verdadeira - Paris do século XIX por meio da figura do flâneur, apropriando-nos do seu aspecto que “evoca” a cidade (BENJAMIN, 2006), cidade que, para muitos ignorada ou não observada revela a sua história que também é revelada nas ruas em que passa a procissão do Círio. Já em relação à história e ao simbolismo, teremos como fundamento a religião, compreendida como sistema cultural simbólico, que se expressa, nesta proposta, na figura do romeiro, na procissão e na arquitetura da Basílica; elementos estes que configuram o *ethos*, refletem o modo de vida na perspectiva de religião, conforme Geertz (1989).

4 | O FINAL DA PEREGRINAÇÃO

A peregrinação literária pela cidade de Belém com aporte antropológico é fundamental para o entendimento de termos como cidade, identidade, literatura, religião. Esta proposta de estudo teve como intuito lançar um novo olhar sobre as pesquisas na área de Letras, especificamente nos estudos literários; pretendemos instigar contribuições à literatura como registro material da história do homem e de sua cultura, assim como para uma compreensão de cunho antropológico em que a cidade e a religião apresentados no conto *Carro dos Milagres* de Benedicto Monteiro revelam-se na Belém contemporânea ao mesmo tempo em que a revelam.

Na perspectiva cultural, os símbolos têm a capacidade de estabelecer intensas e longas disposições e motivações no ser humano, fato esse observado na narrativa de Monteiro na figura do promesseiro que, ao se dispor colocar a pequena oferenda no carro dos milagres, expressa a emoção de proximidade do humano com o divino, a concretização e reafirmação do milagre da vida concedido a Miguel. O símbolo concreto, físico, perceptível ao fiel traduz o mundo e o modela a ponto de instigá-lo a crer nele, nas peculiaridades da própria religião como habilidades, capacidades, hábitos que produzem uma espécie de “caráter crônico” ao modo de vida do ser (GEERTZ, 1989). Na narrativa, Miguel e sua canoa na procissão não pagam apenas a promessa, mas fundamentalmente materializam a força da fé, que é “crônica” de tantos amazônidas os quais encontramos na procissão.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. O flâneur. In: _____. **Passagens**. Organização da edição brasileira de Willi Bolle. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2006(a). P. 461-498.
- BOLLE, Willi. **Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- CHEVALIER, Jean et al. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Trad. Vera da Costa e Silva et al. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- GEERTZ, Clifford. A Religião Como Sistema Cultural. In: _____. **A Interpretação das Culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1989 (a). P. 65 – 91.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.
- MONTEIRO, Benedicto. O carro dos milagres. In: _____. **O carro dos milagres**. 5 ed. Rio de Janeiro: PLG Comunicação, 1980. P. 17 – 39.
- PINHO, Relivaldo. **Antropologia e Filosofia: experiência e estética na literatura e no cinema da Amazônia**. Belém: Ed. Ufpa, 2015.
- ROCQUE, Carlos. **História geral de Belém do Grão-Pará**. Belém: Distribel, 2001.
- ROUANET, Sérgio. **A razão nômade: Walter Benjamin e outros viajantes**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.
- SARLO, Beatriz. **Sete ensaios sobre Walter Benjamin e um lampejo**. Trad. Joana Melo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.
- SERRÃO, Vitor. Iconografia da Senhora da Nazaré na Arte Luso-Brasileira: o ciclo seiscentista do pintor Luís de Almeida no Santuário de Nossa Senhora da Nazaré. **Revista Camões**, Lisboa, n. 25, p. 79 – 87, jan. 2016.
- VELHO, Gilberto. Metrópole, cosmopolitismo e mediação. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 33, p. 15 – 23, jan/ jun 2010.
- VITRAIS DA BASÍLICA**. Belém: Gráfica Delta, 2013.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-12-3



9 788585 107123